

## Christine de Pizan e a apologia da mulher: diálogo e reavaliação crítica de fontes tradicionais da misoginia medieval\*

Pedro Carlos Louzada Fonseca  
Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Resumo:** Este trabalho faz parte de uma pesquisa que venho recentemente desenvolvendo sobre textos fundamentais concernentes à visão da mulher na Idade Média, tanto difamada quanto defendida, isto é, desde os pronunciamentos misóginos da chamada literatura patrística até o aparecimento de uma literatura pró-mulher e antimisógina, culminando com a defesa da mulher pela mulher. Nesse último aspecto, o trabalho examina um dos mais polêmicos livros de autoria feminina escrito em defesa da mulher pela mais significativa voz da antimisoginia medieval, nunca antes tão bem enunciada em termos retóricos e estilísticos, mas ainda ideológicos e tendenciosamente políticos. Trata-se de *Le Livre de la Cité des Dames* (c.1405) [O livro da cidade das damas], de autoria de Christine de Pizan, uma das raras figuras da intelectualidade literária feminina da Idade Média. O escopo do trabalho consiste numa leitura do livro citado em relação de diálogo e de intertextualidade caracterizada como pontos de releitura desconstrutora de obras e de pronunciamentos clássicos antigos e medievais, de autoria masculina, acerca da construção derogatória e discriminatória da figura social e do imaginário cultural sobre a mulher.

**Palavras-Chave:** Literatura medieval antimisógina, autoria feminina, Christine de Pizan.

**Abstract:** This work is part of a research that I am recently developing about fundamental texts concerning the vision of woman in the Middle Ages which was defamed and defended as well, that is, since the misogynous pronouncements of the so-called patristic literature to the emerging of a pro-woman and antimisogynous literature culminating with the defense of woman by the woman. In this respect, the work examines one of the most polemic books of female authorship written in defense of woman by the most important voice of the medieval antimisogyny never before so well expressed not only in rhetorical and stylistic terms but also in ideological and tendentiously political ones. It is about the *Le Livre de la Cité des Dames* (c.1405) [The Book of the City of Ladies] written by Christine de Pizan, one of the rare figures of female literary intellectuality of the Middle Ages. The purpose of the work consists in a analysis of the above mentioned book which outstands itself for establishing a relation of dialogue and intertextuality which is characterized as points of deconstructive rereading of classical works and pronouncements, ancient as well medieval, of male authorship about the derogatory and discriminatory construction of the social image and the cultural imaginary about the woman.

**Key words:** Antimisogynous medieval literature, female authorship, Christine de Pizan,

---

\* Este trabalho é produto parcial da pesquisa intitulada “Mulher difamada e mulher defendida no pensamento medieval: textos fundadores”, que integra a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental da Fapeg – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. A pesquisa, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca, recebeu apoio financeiro dessa instituição de fomento para o período de 2013 – 2014. É também produto de plano de trabalho de projeto de pesquisa relacionado ao tema e desenvolvido em estágio de pós-doutorado em 2013, com bolsa da Fapeg, junto ao Programa de Pós-Doutorado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria do Amparo Tavares Maleval.

Christine de Pizan (1363-c.1430) pode ser considerada como uma das mais significativas vozes de uma incipiente e moderna reação à misoginia medieval surgida ainda na tardia Idade Média, embora nela haja indícios de comprometimento com ideais conservadores e latentes relativos ao decoro feminino (GOTTLIEB, 1990, p. 88-103), talvez reflexo da tentativa de sua mãe em moldá-la convencionalmente em tarefas femininas. Entretanto, graças a incentivos de seu pai e de seu marido, Christine desenvolveu os seus dotes intelectuais e talento literário, legando à posteridade uma vasta produção que abrangeu cerca de quarenta anos.

Christine, na sua reação antimisógina, recebeu influência, sem, entretanto, dar os devidos créditos, de *Le Livre de Leesce* [O livro de Leesce], de Jehan Le Fèvre, uma pretensa mas suspeita refutação às alegações misóginas contidas em *Les Lamentations de Matheolus* [As lamentações de Mateolo], do mesmo autor, ambos escritos na segunda metade do século XIV (JEHAN LE FÈVRE, 1892-1905).

Apesar de se basear em fontes e referências precedentes apologéticas da mulher, o propósito de Christine em redefinir o perfil feminino tradicional foi bastante importante por ter entendido as forças motrizes do pensamento misógino antigo e medieval. Christine viu com grande clareza a terrível internalização, por parte das mulheres, de uma injustificável desvalorização de seu sexo e de sua mente. E mais, entendeu, com uma visão bastante adiantada para a sua época, que a única maneira para um bem sucedido desafio à misoginia implicava em desmoralizar a idoneidade de prestigiosas autoridades intelectuais e literárias masculinas do mundo clássico, da patrística e da vernaculidade medievais.

Em sua visão defensora da mulher, tem sido argumentado que Christine não é suficientemente antitética na refutação das discriminações misóginas por não fazer uso convincentemente retórico da contra-argumentação aos lugares-comuns apresentados. Apesar disso, ela dismantela os cânones da misoginia, de forma retoricamente racional e inteligentemente apelativa, em defesa da mulher secularmente escorraçada por um androcentrismo politicamente impiedoso.

É nesse sentido dialético de construir desconstruindo que Christine constrói o seu polêmico *Le Livre de la Cité des Dames* (c.1405) [O livro da cidade das damas]. Portanto, mais do que uma semelhança à ostensiva *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, a Cidade de Christine é uma construção defensiva: é construída sobre a reputação de mulheres, histórica e lendariamente, conspícuas em todo o campo de empreendimento ou moralidade, sendo uma verdadeira fortaleza para oferecer proteção ao sexo discriminatoriamente inferiorizado.

Na construção da escrita antimisógina de seu *Le Livre de la Cité des Dames*, Christine baseia-se ainda, de forma bastante extensiva, no livro intitulado *De mulieribus claris* [Sobre as mulheres famosas], de Giovanni Boccaccio, primeiramente publicado em 1374 (BOCCACCIO, 1964). Entretanto, no decorrer do presente trabalho, poucos exemplos dessas famosas mulheres bocacianas são citados, porque parece de maior prioridade representar, tão completamente quanto possível, a moldura que tais exemplos ilustram, isto é, a investigação de alguns pontos da releitura que Christine faz da visão tradicional da mulher sujeitada a posturas e prerrogativas androcêntricas.

Nesse sentido, *Le Livre de la Cité des Dames* é não somente um audaz e penetrante questionamento mas também uma percuciente resposta, baseada na inteligência e no bom senso, a uma vasta quantidade de textos misóginos revisitados por Christine, sendo que alguns dos piores ofensores são diretamente nomeados, como é o caso de Ovídio, Cecco d'Ascoli, Cícero e Catão, o Jovem (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 136-139).

No capítulo IX do Livro Primeiro, que se intitula “Aqui trata de como Cristina cavou a terra, quer dizer, as questões que ela fez a Razão, e as respostas dessa última”, tais ofensores são anatomizados nas suas posturas misóginas:

Eis aqui organizada [diz a senhora Razão] a grandiosa obra que para ti preparei. Aplica-te então a cavar a terra seguindo a linha que tracei com minha régua.

Então, para obedecer a suas ordens, empenhei-me a escavar com todas as minhas forças, falando dessa maneira: Dama, como Ovídio – que dizem, porém, ser o príncipe dos poetas, apesar de alguns, eu inclusive, concederem a palma a Virgílio (salvo vossa correção) - pôde falar tão mal das mulheres em seus poemas: na obra intitulada *A arte de amar*, por exemplo, ou ainda em *Os remédios de amor* ou em outras mais?

Resposta: Sim, Ovídio demonstrava bastante sutileza na arte da poesia e mente consideravelmente viva e engenhosa para realizar seus poemas. Perdeu-se, todavia, nas vaidades corpóreas e nos prazeres da carne. Ele não se contentava com uma única mulher, entregando-se a quantas mulheres suas forças lhe permitissem, sem ponderação, lealdade, nem apego a nenhuma delas. Ele levou essa vida enquanto foi jovem e recebeu, em contrapartida, aquilo que se merece em tal circunstância: perda de reputação, de bens e de membros. Pois ele foi condenado ao exílio por suas depravações, tanto em atos como em palavras, aconselhando os outros a levar a vida que ele escolheu. Da mesma forma, quando ele saiu do exílio, graças à intervenção de seus parceiros, jovens e potentes Romanos, e apressou-se para retomar as desordens pelas quais já havia sido condenado, terminou sendo castrado e punido na pele, pela sua má conduta. Isto se refere ao que te dizia mais em cima: Quando se deu conta que não poderia mais levar aquela vida a qual tinha tido tanto prazer, começou a caluniar as mulheres com seus hábeis raciocínios, na intenção de torná-las desprezíveis para os outros.

Dama, digamos que seja verdade, mas conheço um livro de outro autor italiano, cujo nome é Cecco d'Ascoli; originário, creio eu, da região da Toscana. Nele, há um capítulo em que ele fala coisas incrivelmente abomináveis; propósitos que ultrapassam qualquer um outro, e que nenhuma pessoa sensata iria repetir.

Resposta: Filha, não te espante se Cecco d'Ascoli fala mal de todas as mulheres, pois ele as abominava, odiava e desprezava todas. E sua hostilidade monstruosa o levava a querer compartilhar com todos os homens seu ódio e repulsa. Todavia, ele teve a recompensa justa, pois pagou suas injúrias criminosas morrendo desprezivelmente na fogueira.

Conheço um outro livrinho em latim, intitulado *Do segredo das mulheres*, que sustenta que elas são acometidas de grandes defeitos em suas funções corporais.

Resposta: Tu podes conhecer por ti mesma, dispensando qualquer outra prova. Aliás, esse livro nos revela ser da mais alta fantasia; um verdadeiro amontoado de mentiras, e para quem o leu, está explícito que não há nada de verdade neste tratado. E apesar de dizerem que é de Aristóteles, não dá para acreditar que um filósofo tão importante tenha se permitido dizer tamanha asneira. Mas como as mulheres podem saber por experiência que algumas coisas neste livro não fazem parte da realidade e que são puras tolices, elas podem deduzir que os outros pontos expostos são da mesma forma mentiras patentes. E não te lembras que no início do livro ele afirma que um certo papa havia excomungado todo homem que tivesse a audácia de o ler para uma mulher, ou de colocá-lo entre as mãos de uma mulher?

Lembro-me muito bem, minha Dama.

Sabes qual foi o a intenção maliciosa com que tal estupidez foi posta no início do texto para que os homens parvos e limitados pudessem acreditar?

Não, Dama, se não me disserdes.

Foi para que as mulheres não tomassem conhecimento desse livro e para que elas ignorassem seu conteúdo. Pois, bem sabia aquele que o escreveu que se elas lessem ou o escutassem, saberiam que se tratava de propósitos absurdos; e o colocariam em questão, com desprezo. Foi por essa estratégia que o autor acreditava poder abusar e enganar os homens que o leriam.

Dama, lembro-me que, entre outras coisas, depois de ter insistido durante bastante tempo que era por debilidade e fraqueza que o corpo que se forma no ventre da mãe tornar-se o de uma mulher, o autor diz que mesmo a Natureza tem vergonha de ter feito uma obra tão imperfeita quanto esse corpo.

Ah! Veja que loucura, doce amiga: é a cegueira insana que o levou a dizer tais coisas! Como a Natureza, que é dama de companhia de Deus, teria então mais poder do que seu mestre, se é dele que vem sua autoridade? Deus todo-poderoso, na essência de seu pensamento divino, tinha desde sempre a ideia do homem e da mulher. E quando foi da sua santa vontade criar Adão do limo da terra, na cidade de Damasco, ele o fez, levando-o então ao paraíso terrestre, que era e permanece o lugar mais digno nesse mundo de baixo. Nele, fez Adão adormecer e, com uma de suas costelas, formou o corpo da

mulher, significando com isso que ela devia estar ao seu lado como uma companheira, e de maneira alguma aos seus pés como uma escrava, devendo amá-la como sua própria carne. Será que o Criador Soberano teria vergonha de criar e formar o corpo feminino e Natureza se envergonharia disso? Eis o cúmulo da tolice dizer isso. E além do que, de que maneira ela foi formada? Não sei se percebes; ela foi formada à imagem de Deus. Oh! Como é possível haver bocas para maldizer uma prova tão nobre?

Mas há loucos que acreditam que quando eles escutam dizer que Deus fez o homem a sua imagem, que se trata do corpo físico. Isto está errado, pois Deus ainda não havia tomado forma humana. Trata-se, ao contrário, da alma, a qual é consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus. E, esta alma, Deus a criou tão boa, tão nobre, idêntica no corpo da mulher como no corpo do homem. Mas, voltando sobre a criação do corpo, a mulher foi feita pelo criador soberano. E em que lugar ela foi feita? No paraíso terrestre! E foi feita com que? Terá sido de matéria vil? Não, pelo contrário, da matéria mais nobre que havia sido criada! Pois, foi do corpo do homem que Deus a criou.

Dama, de acordo com o que me dizeis, a mulher é uma criação muito nobre. No entanto, Cícero disse que o homem não deve nunca servir a uma mulher, pois seria se rebaixar, pôr-se a serviço de alguém menos nobre que si.

Resposta: O maior é aquele ou aquela que tem mais méritos. A excelência ou a inferioridade das pessoas não reside no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes. E bem-aventurado aquele que serve à Virgem, ela que está acima de todos os anjos.

Disse ainda, um dos Catão, aquele que foi um grande orador, que se o mundo fosse sem mulheres, poderíamos conversar com os deuses.

Ela respondeu-me: Ora, podes ver a insanidade daquele que é tido como sábio, pois foi por intermédio da mulher que o homem pôde reinar junto a Deus. E, se alguém me disser que ele foi banido por uma mulher, por causa da dama Eva, responderei que, graças a Maria, ele ganhou grau muito mais alto do que aquele que havia perdido por causa de Eva. Pois, a humanidade não teria se unido à divindade se não fosse o pecado de Eva. Homens e mulheres devem louvar essa falta, que através da qual uma honra tão grande lhes adveio, pois, quanto maior tenha sido o rebaixamento da natureza humana por uma criatura, mais alta foi sua elevação por outra criatura. Quanto a conversar com os deuses se a mulher não existisse, como afirma este Catão, ele estava mais certo do que pensava, pois era um pagão, e aqueles dessa religião acreditavam que os deuses encontravam-se tanto no inferno quanto no céu – eram os demônios que eles chamavam de deuses do inferno. E não é um erro dizer que os homens conversariam com esses deuses aí se não fosse Maria (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 136-139).

Mas Christine escolhe diretamente como seu principal perturbador misógino o volumoso *Les Lamentations de Matheolus* (c.1371-1372), do já citado Le Fèvre, razão pela qual o presente trabalho começa com esse livro para levantar os pontos de releitura do possível intertexto misógino de Christine. Outras fontes simpáticas à figura da mulher são referidas mais escassamente, excetuando-se o caso de *Le Livre de Leesce*, também de Jehan Le Fèvre, cuja referência, por ser muito pontual, a meu ver, merece um estudo à parte.

Logo no início do Primeiro Livro, Christine desprezando a autoridade de *Les Lamentations de Matheolus*, fica sensivelmente indignada com renomados filósofos, poetas e oradores depreciadores das mulheres, principalmente na sua malévola conclusão de que todo comportamento feminino é cheio de vícios, concluindo ironicamente que Deus só podia mesmo ter criado as mulheres como vis criaturas deformadas, reportando-se evidentemente aqui à tradição anatomista e fisiologista aristotélica sobre o assunto.

A partir desse ponto, Christine recebe a visita de três senhoras soberanas e iluminadas, mais tarde identificadas como Razão, Retidão e Justiça (fig. 1).



Christine de Pisan. *Le Livre de la Cité des Dames* (*The Book of the City of Women*) (detail), circa 1405. Manuscripts Department, Western Section, Fr. 607, Paris. From *The Allegory of Female Authority: Christine de Pizan's Cité des Dames*, by Maureen Quilligan (Ithaca: Cornell University Press, 1991). (Image: Library of Congress/Bibliothèque Nationale de France, Paris.) Disponível em: <[http://www.brooklynmuseum.org/eascfa/dinner\\_party/place\\_settings/image.php?i=22&image=521&b=bio](http://www.brooklynmuseum.org/eascfa/dinner_party/place_settings/image.php?i=22&image=521&b=bio)> Acessado em 05/08/13.

Um dos primeiros fundamentos de agudeza silogística para desarraçar preconceitos misóginos é o da senhora Razão que argumenta que, mesmo o ataque dos homens às mulheres, com a finalidade de evitar os vícios e a conduta dissoluta delas, não é uma

hipótese razoável para generalizações misóginas, porque seria como se condenasse o bom fogo porque queima e a benéfica água porque afoga, já que todas as coisas podem servir tanto para o bem como para o mal. Perguntando Christine à senhora Razão se esses homens fizeram bem, esta lhe responde sabiamente relativizando a moral do assunto:

Enganas-te, bela filha [...] pois a ignorância total não desculpa de nada. Se te matassem com boas intenções e por asneira, teria sido bem feito? Fazendo assim, eles usaram mal seus direitos. Pois, não seria justiça causar danos e prejuízos a uma parte sob pretexto de estar ajudando outra, como eles fizeram, condenando, contrariamente aos fatos, a conduta de todas as mulheres. Posso te demonstrar por experiência. Admitamos que eles fizeram na intenção de tirar os loucos da loucura; seria como se condenasse o fogo – elemento, porém, bom e necessário – sob pretexto que alguns se queimam, ou então a água, por alguns se afogarem. Poder-se-ia dizer o mesmo de todas as coisas boas, já que se pode usar tanto para o bem quanto para o mal. Todavia, não são as mulheres que devem ser condenadas se os loucos abusam disso; por sinal, tu mesma já trataste disso em teus escritos. Aqueles que se permitiram usar propósitos tão desmedidos, qualquer que tenham sido suas intenções, usaram meios deturpadores, apenas para chegar a seus fins, como aquele que confeccionou uma roupa longa e larga, porque não lhe custaria nada a estopa, e ninguém iria se opor, consentindo assim com a apropriação de um bem alheio. Mas, como bem disseste outrora, se eles tivessem procurado como levar os homens à razão, impedindo-os de cair na luxúria, censurando a vida e os modos de todas as mulheres cuja depravação fosse patente, então eu admitiria espontaneamente a excelência e a distinção de suas obras (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 132-133).

Esse mesmo percuciente argumento já John Gower o havia empregado, em seu livro *Lover's Confession / Confessio amantis* (1386-1390) [Confissão de um amante], em favor da isenção da mulher na culpa metafórica de afogar ou atear fogo ao homem (GOWER, 1900, p. 355).

Para a limpeza dos detritos sujos da misoginia, além da lembrança de inveterados livros misóginos da Antiguidade, a exemplo dos de Ovídio e de Juvenal, Christine menciona o polêmico e virulento libelo misógino *De secretis mulierum* [Sobre os segredos das mulheres], um aberrante tratado ginecológico, espuriamente atribuído a Alberto Magno, de grande circulação no século XIII, que aberradamente expõe, seguindo a tradição de Aristóteles e de Santo Isidoro de Sevilha, os efeitos corruptos da menstruação.

Christine comenta que o livro *De secretis mulierum* imputa à Natureza a vergonha por ter produzido o corpo da mulher tão deformado e corrompido por origem. Em resposta a

Christine, a senhora Razão faz uso de um dos mais altos pontos de arrazoamento e de aguda engenhosidade para enaltecer a mulher como a mais nobre criatura do plano divino da Criação. Para tanto, recorda que a mulher, ao ser formada da costela de Adão, foi a primeira a ser criada no Jardim do Éden, reproduzindo-se aqui o conhecido e anteriormente citado neste trabalho *topos* da costela de Adão, bastante glosado, no livro anônimo intitulado *Dives and Pauper* (1405-1410) [Dives e Pauper], a respeito do tema da paridade entre o homem e a mulher (*Dives and Pauper*, 1980, p. 66).

A passagem, em que a senhora Razão enaltece a origem da mulher, está repleta de pontos de releitura acerca da visão tradicional da mulher, a começar com a teoria de Aristóteles e de Galeno sobre a imperfeição anatômica e fisiológica do corpo feminino. A insistência de Christine na controvérsia teológica da criação da mulher à imagem de Deus, rastreada em autoridades como Santo Agostinho em seu livro *De Genesi ad litteram* (401-416) [O sentido literal do Gênesis] (AUGUSTINE, 1982, p. 175-176), encontrou, entre outros, eco seminal em Graciano, em seu famoso *Decretum* (c.1140) [Decreto], um dos livros de referência central na Idade Média por sua compilação patrística (D'ALVERNY, 1977, p. 105-129).

Ainda sobre a argumentação de a mulher ser a mais nobre parte da criação terrestre, outro ponto de releitura de Christine consiste na resposta antimisógina, de autoria anônima, ao livro intitulado *Li Bestiaires d'Amour di Maistre Richard de Fournival e li Response du Bestiaire* (c. 1250) [O bestiário do amor do mestre Ricardo de Fournival e a resposta do bestiário], de Richard de Fournival (RICHARD DE FOURNIVAL, 1986, p. 41-43). Santo Ambrósio parece ser outro ponto dessa releitura, na passagem de seu livro *De Paradiso* (c.375) [Sobre o Paraíso] que comenta, contrário ao tema do nascimento paradisiaco da mulher, sobre a superioridade do homem em termos de caráter e graça pela virtude (AMBROSE, 1896, p. 280). Por outro lado, aquela mesma consideração sobre a excelência original da mulher também é lembrada por Abelardo em sua *Letter 6* (Carta 6, *De auctoritate vel dignitate ordinis sanctimonialium* [Sobre a origem das freiras] (ABELARD, 1974, p. 129-175, p. 174).



A seguir, a senhora Razão argumenta, lembrando a piedade e a caridade das mulheres devotas, contra a maledicência daqueles que dizem que as mulheres fazem da própria igreja um local para se exibirem em belos trajes, charmes e sedução (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 141), razão pela qual as condena Le Fèvre em seu *Les Lamentations de Matheolus* (JEHAN LE FÈVRE, 1892-1905, II. 1107-1242).

É a seguinte a passagem em que a senhora Razão, elogiando virtudes naturalmente inerentes ao caráter feminino, desbarata a calúnia dos homens que dizem do vício da garrulice feminina praticado mesmo nos locais de recolhimento e oração:

Mas, poderás ver, com bem mais frequência [diz a senhora Razão], mulheres frequentando as igrejas, com terços e livros de oração na mão, onde se reúnem em multidão, nos sermões e nas confissões, recitando o Pai Nosso e a oração das Horas.

É verdade, minha Dama, respondi então, mas os homens dizem que elas vão com seus mais belos trajes, se arrumam para expor seus charmes e atrair o amor dos galanteadores.

Resposta: Poder-se-ia acreditar nisso, cara amiga, se lá se visse apenas mulheres jovens e belas, mas olhando bem, para cada jovem que verás frequentando lugares de culto, encontrarás vinte ou trinta velhas vestidas de maneira simples e honesta. Mas, se as mulheres já dão prova de devoção, de caridade é que nem precisa mencionar. Veja bem: quem faz visita aos doentes? Quem os reconforta? Quem presta socorro aos pobres? Quem vai aos hospitais? Quem enterra os mortos? Parece-me que se trata de obra das mulheres, e a via real que o próprio Deus nos ordena seguir (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 141-141).

Ainda nesse sentido derogatório da mulher, no início do século XIII, um irreverente poema anônimo intitulado *De Coniuge non ducenda* (c.1222-1225) [Contra o casamento] se destaca por falar da má esposa, que procura distantes abadias de peregrinação para os seus adúlteros propósitos (*Gawain on Marriage*, 1986, p. 81-82). O mesmo tema constitui legado para discussão de muitas obras misóginas subsequentes, a exemplo de *Le Roman de la Rose* (c.1275) [O romance da rosa], de Jean de Meun, que se refere à peregrinação das mulheres a lugares santos com intenções luxuriosas (JEAN DE MEUN, 1971, p. 230-231).

Seguindo no rol das tradicionais denegações da mulher, Christine aborda o velho provérbio misógino, retomado por Geoffrey Chaucer no Prólogo de seu livro *The Wife of Bath* (c.1390-1395) [A esposa de Bath] (CHAUCER, 1985, p. 219-239), que diz que “Deus criou a mulher para chorar, falar e tear” (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 142).

No tocante a esse trio misógino (chorar, falar e tear), a senhora Razão protesta que Maria Madalena ganhou a especial graça de Deus em razão de suas lágrimas, enquanto que o grande pilar da Igreja, Santo Agostinho, havia se convertido pelas lágrimas de sua piedosa mãe (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 142-143). A passagem em que a senhora Razão faz a sua apologia à virtude e ao dom da graça do choro feminino é a seguinte:

Dama [diz a senhora Razão], os homens fazem bastante uso de um provérbio latino nas suas críticas às mulheres: Deus criou a mulher para chorar, falar e tear. Resposta: Certo, doce amiga, este ditado é verdadeiro, seja o que se pense ou diga dele, não se trata de uma crítica. Foi uma excelente coisa Deus ter lhes dado uma tal vocação, pois quantas não foram salvas por choro, fusos e palavras. E àqueles que as criticam por serem derramadas em lágrimas, lembrarei que Nosso Senhor Jesus Cristo, que lê no fundo das almas e de quem nenhum pensamento pode ser escondido, nunca teria condescendido, do alto de sua majestade, em derramar lágrimas de compaixão, lágrimas de seu corpo tão glorioso, ao ver Maria Madalena e sua irmã chorando pela morte do seu irmão Lázaro, que ele o ressuscitou, se ele acreditasse que as mulheres só choram por fraqueza e tolice. Oh! Quantos benefícios foram concedidos por Deus às mulheres graças às suas lágrimas! Ele não desprezou absolutamente aquelas de Maria Madalena; pelo contrário, tanto as aceitou que perdoou seus pecados e pelo mérito de tais lágrimas foi recebida gloriosamente no reino dos céus.

Ele também não desprezou as lágrimas da viúva chorando seu único filho que era levado da terra. Nosso Senhor vendo suas lágrimas, fonte de toda piedade, foi comovido e cheio de compaixão, perguntar-lhe: Mulher, por que choras?, ressuscitando imediatamente seu filho. A Sagrada Escritura conta vários outros milagres, cuja lista seria bastante longa, que Deus fez em favor das lágrimas de muitas mulheres; e o faz a cada dia. Ouso afirmar que muitas dentre elas foram salvas pelas lágrimas de sua devoção, assim como aqueles e aquelas por quem elas clamaram. O glorioso doutor da Igreja, Santo Agostinho, não foi convertido, por sua vez, pelas lágrimas de sua mãe? Aquela mulher excelente chorava sem cessar, rogando a Deus que por favor iluminasse o coração de um filho pagão, insensível às luzes da fé. Santo Ambrósio, junto a quem a santa mulher ia frequentemente implorar-lhe que pedisse pelo seu filho, disse-lhe a esse respeito: Mulher, não acho impossível que tantas lágrimas sejam vãs. Oh! Bem-aventurado Ambrósio! Tu que não consideraste frívolas as lágrimas de mulher! Eis como responder aos homens que as criticam! Pois, foi por causa das lágrimas de uma mulher que esse santo iluminado, o bemaventurado Santo Agostinho, brilha no altar da santa Igreja, iluminando-o inteiramente com sua claridade! Que os homens cale-se sobre esse assunto! (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 142-143).

Em referência ao falar feminino, comumente considerado na patrística medieval como falar abrasivo e virulento, Christine desarrazo a crítica feita à palavra da mulher com a menção de que Cristo escolheu exatamente uma mulher, Maria Madalena, para anunciar o mistério tão glorioso de sua Ressurreição. Em termos positivos, Christine está aqui a reler não só a passagem da já citada *Letter 6*, de Abelardo, que confere às mulheres, testemunhas do Ressurreto, uma primazia sobre os Apóstolos (ABELARD, 1974, p. 129-130), mas também a passagem, em defesa da mesma causa, de *The Book of Consolation and Advice / Liber consolationis et consilii* (c.1246) [O livro de

consolação e conselho], de Albertano de Brescia (ALBERTANO DE BRESCIA, 1873, p. 12-14), ambos antecessores de Christine na defesa da mulher.

Em termos negativos, relê ainda Christine a tradicional depreciação masculinista da fala feminina que, adaptada de Ovídio em *Les Lamentations de Matheolus*, de Le Fèvre, comenta que, na verdade, os pássaros pararão de cantar e os grilos pararão no verão também antes que a mulher ache força para prender a sua língua, seja qual for o dano vindo das suas palavras (JEHAN LE FÈVRE, 1892-1905, II. 177-250). É a seguinte a passagem que textualiza as qualidades positivas da fala feminina com arrazoada defesa:

Desse mesmo modo [diz a senhora Razão], Deus deu a palavra às mulheres. E louvado seja ele por isso! Pois, se ele não o tivesse feito, elas seriam mudas! Contrariamente ao que diz o provérbio – que eu não sei quem o inventou exclusivamente com a intenção de prejudicá-las –, se palavra de mulher fosse tão condenável e com tão pouca autoridade como dizem alguns, Nosso Senhor Jesus Cristo não teria nunca consentido que uma mulher fosse a primeira a anunciar o mistério tão glorioso de sua Ressurreição. Pois, ele mesmo mandou a bem-aventurada Madalena, a quem ele apareceu no primeiro dia de Páscoa, levar a notícia aos Apóstolos e a Pedro. Bendito e louvado sejas, Ó Deus, por, além dos infinitos dons e graças que fizestes e concedestes ao sexo feminino, terdes querido que uma mulher fosse a portadora de tão grande e digna notícia!

Todos esses invejosos fariam melhor se calarem, se pelo menos se dessem conta. Dama, disse eu, estou rindo de uma loucura que alguns homens contam, e que me lembro ter ouvido até em sermões, por alguns pregadores estúpidos, que se Deus apareceu primeiramente a uma mulher, foi por ter certeza que ela não se calaria, e que a notícia de sua Ressurreição iria o mais rápido possível espalhar-se. Resposta: Filha, fizeste bem em chamá-los de loucos aqueles que contaram isso, pois eles não se contentam em criticar as mulheres, e conferem a Jesus Cristo tal blasfêmia, ao dizer que uma tão coisa santa e tão perfeita tenha sido revelada por um vício. Eu não sei como eles ousam sugerir isso, mesmo que seja na brincadeira, pois Deus nunca deve ser um assunto de zombaria. Mas, voltando a nosso primeiro assunto, foi uma benção para aquela mulher de Cananéia ser muito falante, e ter seguido Jesus pelas ruas de Jerusalém, gritando e suplicando sem cessar: Tende piedade de mim, Senhor, pois minha filha está doente! E o que fez, então, o Deus bendito? Ele, em quem toda misericórdia sempre há de abundar, a quem uma única palavra apenas é suficiente, se é vinda do coração, para acordar uma graça? Parece que ele se deleitou com tantas palavras saídas da boca daquela mulher, que perseverava incansavelmente nas suas orações. Mas, por que fazia isso? Foi para provar sua constância: pois, quando ele a comparou com um cachorro pareceu que foi bastante rude, por ela ser de uma religião diferente e não da divina. Ela não hesitou em responder-lhe sabiamente e sem constrangimento: Senhor, isto é verdade, mas os cachorros vivem das migalhas que caem da mesa do dono. Oh! Digníssima mulher! Quem te ensinou a falar assim? Foi a pureza da tua alma que te inspirou tais sábias palavras, levando a tua causa, viu-se claramente quando Nosso Senhor Jesus Cristo, voltando-se em direção a seus apóstolos, disse que na verdade nunca em todo Israel ele havia encontrado tanta fé, atendendo, em seguida, a sua prece. Ah! Impossível negar tal honra concedida ao sexo feminino, que os invejosos esforçam-se em denegrir, considerando que Deus encontrou no coração de uma pequenina e humilde mulher de raça pagã mais fé do que em todos os bispos, príncipes, padres e todo povo judeu reunido, eles que se

dizem o povo eleito de Deus? A mulher de Samaritana que tinha vindo buscar água no poço onde Jesus Cristo estava sentado, cansado, dirigiu-se mais uma vez a ele, rogando a seu favor. Oh! Bendito seja este santo corpo no qual se encarnou a Divindade! Como permitiste abrir tua santa boca para oferecer todas essas palavras de proteção a uma pequena e humilde pecadora que não era nem da tua fé? Demonstraste bem o quanto não tens desprezo pela devoção do sexo feminino! Deus! Por quanto nossos pontificais de hoje dirigiriam a palavra a uma simples e humilde mulher, mesmo para sua salvação?

E não falou menos sabiamente esta mulher que assistiu a um sermão de Jesus Cristo e inflamou-se com suas santas palavras. Já que dizem que as mulheres não sabem calar-se, foi uma coisa excelente quando ela levantou-se cheia de entusiasmo, para gritar no meio da multidão essa frase, solenemente trazida do Evangelho: Bendito sejam o ventre que te carregou e as mamas que te alimentaram!

Deves, então, ter entendido, bela e doce amiga, que se Deus consentiu a palavra às mulheres, foi na verdade para que elas se sirvam. E, não se deve criticar nelas aquilo em que residem tantos benefícios e tão poucos males. Pois, raramente observou-se suas palavras provocarem algum dano (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 143-146).

Embora apoiando, de forma conservadora, a lei comum que avaliava a mulher com incapacidade para a pregação e a jurisprudência, a senhora Razão comenta que as mulheres não têm, por causa disso, um intelecto inferior. E para exemplificar maximamente a superioridade intelectual da mulher cita o caso de Nicostrata ou Carmenta, que deu à Itália leis e uma nova língua, isto é, o latim (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 183-185). É o seguinte o trecho em que a senhora Razão, comentando que “um número considerável de ciências e técnicas importantes foram descobertas graças à inteligência e habilidade das mulheres, tanto nas ciências puras, como dão testemunho seus livros, quanto nas artes, demonstradas em obras manuais e elaboradas” (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 183), começa, com o exemplo de Nicostrata, o seu rol de mulheres famosas pela sua intelectualidade:

Primeiramente, falar-te-ei da nobre Nicostrata, que os italianos chamavam de Carmenta: esta dama era a filha do rei da Arcádia, Palade. Dona de uma inteligente notável, e dotada por Deus de conhecimentos especiais. Ela conhecia a fundo a literatura grega; seu falar era tão belo e tão sábio, de uma eloquência admirável que os poetas da época imaginaram, nos versos que lhes consagraram, que ela era amada pelo deus Mercúrio. Eles dizem igualmente que o filho, que ela tinha tido com seu marido, detentor de uma extraordinária inteligência, era filho desse deus. Em razão de algumas desordens ocorridas no seu país, esta mulher emigrou à Itália, com o filho e uma multidão de gente. Eles deixaram seu país em uma grande frota e chegaram no rio Tibre. Ali, desceu e subiu no alto de uma colina, que ela chamou Monte Palatino, do nome de seu pai. É nesta colina que foi fundada a cidade de Roma. Ela construiu uma fortaleza, com a ajuda de seu filho e de quem a tinha acompanhado. Achando que as pessoas da região viviam como animais, ela escreveu algumas leis, prescrevendo-os a agirem de acordo com o direito e a razão, como era justo. Ela foi então a primeira a promulgar leis naquele país, que teve em seguida tanto prestígio e de onde veio todo o direito escrito. Aquela nobre dama soube, por inspiração divina e profética (graça, entre outras, que recebera com especial particularidade), que no futuro aquela terra seria a mais nobre e célebre no mundo. Pareceu-lhe indigno para a grandeza romana, destinada a reinar no mundo inteiro, utilizar

um alfabeto bárbaro e inferior, baseado em caracteres estrangeiros. Para melhor revelar aos séculos futuros a excelência de sua genialidade, tanto fez e tanto estudou, até inventar um alfabeto original e diferente daquele das outras nações: o nosso abc, o alfabeto latino, a formação das palavras, a distinção entre as vogais e consoantes, e toda a base da gramática. Fez difundir e ensinar este alfabeto ao povo, e cuidou para que todos o conhecessem. Não foi por certo uma descoberta de pouca importância, assim, devemos ser infinitamente gratos a essa mulher, pois a profundidade dessa ciência, sua grande utilidade e todo o bem que ela trouxe ao mundo, nos autoriza a dizer que nenhuma outra descoberta foi mais admirável. Os italianos não se mostraram ingratos a Carmenta por esse benefício; a descoberta pareceu-lhes tão prodigiosa que diziam que ela não era uma simples mortal, e sim uma deusa. Por isso, ainda em vida, eles a cultuavam como a uma divindade, e à sua morte, ergueram no pé da montanha onde ela havia vivido, um templo dedicado a ela. A fim de perpetuar sua memória, designaram diferentes coisas do nome da ciência inventada por ela, dando inclusive seu próprio nome às pessoas daquele país, que receberam o nome de Latinos, homenageando a invenção feita por aquela mulher. Além do mais, como a palavra “ita”, que corresponde ao francês “oui” é a afirmação mais importante da língua latina. Não se contentaram apenas em chamar aquele país de “terra latina”, mas quiseram que todo o território além dos Alpes, grande e vasto, que conta com numerosas províncias e domínios de terra, tivesse o nome de Itália. Foi ainda por essa dama se chamar Carmenta que os poemas em latim são chamados de *carmen*. Muito tempo depois, os romanos começaram a chamar Carmentale uma das portas da cidade de Roma. E pela boa fortuna que tiveram, e a excelência de seus imperadores, os romanos não quiseram mudar aquele nome, até hoje utilizado, como sabemos.

Que queres mais, bela filha? Será que teria coisas melhores para falar de um homem? Mas, principalmente, não aches que ela tenha sido a única mulher a descobrir numerosas e diferentes ciências (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 183-185).

No Livro Segundo, a senhora Retidão substitui a senhora Razão, e Christine pergunta se os extremos depreciadores do matrimônio estão certos, citando Valério, o remetente de *The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage* (c.1180) [A carta de Valerius a Ruffinus, contra o casamento], de Walter Map, e o próprio São Jerônimo que, em seu livro *Adversus Jovinianum* (c.393) [Contra Joviniano], aconselha mais a companhia de servos e de amigos que a ligação a uma esposa, que só conduz o marido à distração e ao desespero (JEROME, 1893, p. 412).

Ao que a senhora Retidão, dentre uma nobre lista de esposas notáveis por suas virtudes e bons feitos, responde com o exemplo de Xantipe, a digníssima consorte de Sócrates, intemerata companheira sua até à morte (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 238), apresentando um perfil da esposa do filósofo grego extremamente contrário àquele que dela faz São Jerônimo em seu *Adversus Jovinianum* (JEROME, 1893, p. 411):

Xantipe, a nobre dama de grande saber, casou-se com o eminente filósofo Sócrates. Mesmo ele já sendo velho e preferindo passar seu tempo pesquisando e revirando livros, em vez de procurar presentes para agradar

sua mulher, ela não deixou de amar seu esposo. A superioridade de sua inteligência, sua força, sua virtude, e sua firmeza, a levavam, ao contrário, a venerá-lo e a amá-lo profundamente. Quando essa mulher corajosa ficou sabendo que os Atenenses haviam condenado seu marido à morte por tê-lo reprovado por adorar ídolos, já que existia apenas um deus que deveríamos adorar e servir, ela não pôde suportar a notícia: toda encharcada de lágrimas e em prantos, dirigiu-se ao palácio, batendo no peito de dor, onde haviam prendido seu marido. Ela o encontrou no meio daqueles juízes indignos que já haviam lhe dado o veneno que iria abreviar seus dias. Ela chegou no momento em que Sócrates levava o cálice aos lábios. Precipitou-se até ele e arrancou-lhe o cálice das mãos, derrubando tudo no chão. Sócrates a reprovou por isso, a encorajando e a consolando. Como ela não podia impedir sua morte, começou a lamentar-se forte, dizendo: Ah! que desgraça e que grande perda fazer morrer injustamente um homem tão justo! Mas, Sócrates a consolou mais, dizendo que é melhor morrer vítima de injustiça do que por algo justo. Assim, foi então seu fim. Mas, nunca teve fim, durante toda a vida, o luto no coração daquela que o amava (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 238).

Uma das mais preferidas discriminações da misoginia medieval criticadas por Christine consiste na incriminação das mulheres por sua natural tendência e inclinação à não preservação da castidade, apenas oferecendo resistência quando o assédio sexual fosse deveras violento, fato esse desculpável no caso dos homens. A defesa da senhora Retidão contra essa suposta licenciosidade feminina é feita no capítulo XLIV do Livro Segundo intitulado “Contra aqueles que dizem que mulheres querem ser violentadas são dados diversos exemplos, primeiramente, o de Lucrecia”, conforme pode ser lido na seguinte passagem:

Então eu, Cristina, disse assim: Dama, acredito completamente no que vós dizeis e tenho certeza de que são muitas as mulheres belas, nobres e castas, que sabem se proteger das armadilhas dos sedutores. Eis porque me irrita e me deixa triste que os homens afirmem que as mulheres queiram ser estupradas, que isso não as desagrade, mesmo quando se defendem gritando alto. Pois, não seria capaz de acreditar que lhes possa ser agradável uma coisa tão abominável.

Resposta: Sem dúvida, cara amiga, que não há prazer nenhum às damas castas e de bela vida em serem violentadas, e sim, uma dor inigualável. Muitas delas demonstraram com seu próprio exemplo, como Lucrecia, a nobre romana, mulher do nobre Tarquínio Collatino. Tarquínio, o Orgulhoso, filho do rei Tarquínio, ficou ardentemente apaixonado pela nobre Lucrecia, e não ousava declarar-se, por causa da grande virtude que ela demonstrava. Sem esperança de conseguir seus objetivos através de presentes ou suplicações, pensou possuí-la pela astúcia. Ele se dizia ser muito amigo do marido dela, e assim podia entrar na casa dela quando queria. Então, sabendo que o marido não estava, ele apareceu, e a nobre esposa o recebeu com toda a atenção que merece aquele que se diz amigo íntimo de seu marido. Mas, Tarquínio, que tinha outras intenções, encontrou um meio de entrar no meio da noite no quarto de Lucrecia, causando-lhe grande medo. Para resumir a história, depois de tentá-la convencer com promessas, presentes e oferendas, e vendo que seus pedidos de nada adiantavam, puxou sua espada e a ameaçou mata-la se ela falasse alguma coisa e não cedesse aos seus desejos. Ela respondeu bravamente que a matasse, pois preferia morrer a entregar-se. Percebendo que a ameaça não tinha efeito, Tarquino encontrou uma outra estratégia: disse-lhe que iria contar publicamente que a havia encontrado com um dos seus servos. E, para abreviar a estória, isso era uma coisa tão horrenda para ela, que pensando que iriam acreditar nas palavras dele, ela

cedeu à sua força. Mas, Lucrecia não pôde sofrer em silêncio tal sofrimento. Então, quando amanheceu, mandou chamar seu marido, seu pai e parentes mais próximos, pertencentes à mais alta aristocracia de Roma, para confessar aos prantos e gemidos o que lhe havia acontecido. Enquanto seu marido e parentes, a vendo arrasada com tanta dor, procuravam consolá-la, ela puxou uma faca, que estava sob seu vestido, e disse: Se posso me livrar do pecado e provar minha inocência, não consigo me livrar dos tormentos, nem da dor. De agora em diante, mulheres desavergonhadas e desonrosas irão evocar o exemplo de Lucrecia. Depois de ter pronunciado tais palavras, introduziu com força a faca no peito e com um golpe mortal caiu diante do marido e de seus amigos. Voltaram-se então contra Tarquínio. Roma inteira estava revoltada com isso e expulsou seu rei. Quanto ao filho, se o tivessem encontrado, o teriam matado. E nunca mais se quis um rei em Roma. Alguns afirmam que por causa do ultraje contra Lucrecia, foi promulgada uma lei condenando à morte qualquer homem que estuprasse uma mulher; é uma pena legítima, justa e santa (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 266-268).

Esse capítulo que fala da permissividade natural da mulher para ser assediada sexualmente revela, mais uma vez, a costumeira prerrogativa misógina dos critérios duplos, também condenada, entre inúmeras outras fontes, pelo livro *The Southern Passion* (de antes de 1290) [A paixão sulina], de autoria anônima (1927, est. 1923). Essa mesma ambivalência de critérios é discutida, com grande força argumentativa em defesa da mulher, em *Dives e Pauper*, na parte que trata do adultério no homem e na mulher (*Dives and Pauper*, 1980, p. 69).

Conclui a senhora Retidão que, a julgar por certos imperadores romanos e dignitários da Igreja, os homens têm muito pouco que gabar no que se refere ao quesito da constância. Nesse caso, exemplos de extrema perversidade são citados, inclusive na própria História Sagrada, como o do Apóstolo Judas Iscariotes (CHRISTINE DE PIZAN, 2006, p. 275).

E para concluir o tratamento retórico e estilístico, mas não menos ideológico e politicamente antimisógino, dado à sua alegórica e apologética *Cidade das damas*, Christine, no Livro Terceiro, coloca a senhora Justiça a identificar as mais nobres ocupantes da sua cidade recém-concluída, estabelecendo a Virgem Maria como sua Imperatriz, seguida pelas venerandas mulheres bíblicas e pelas santas mártires do cristianismo, constantes e corajosas, encabeçadas por Santa Catarina da Alexandria que, sacrificada em 307, tornou-se figura pioneira e emblemática do martírio cristão em prol da devoção e da castidade.

Apesar de Christine terminar bem sucedidamente a construção de sua cidade com essa genuína eulogia ao feminino irrepreensível, muita coisa de seu discurso desconstrutor ainda constitui tributo a ideais conservadores e latentes relativos à figura da mulher. Somente com o passar dos tempos, com as transformações da sociedade, é que as nobres e hieráticas senhoras da *Cidade das damas* irão perder a sua aura de excepcionalidade para dar lugar a indivíduos-mulheres que são simplesmente construções históricas e sociais.

### Referências bibliográficas:

ABELARD. Letter 6 (De auctoritate vel dignitate ordinis sanctimonialium). In: ABELARD. *The Letters of Abelard and Heloise*. Trad. C. K. S. Moncrieff. New York: Cooper Square Publishers, 1974, p. 129-175.

ALBERTANO OF BRESCIA. *Albertani Brixiensis Liber consolationis et consilii*. Ed. T. Sundry. Chaucer Society, 2nd ser. 8. London: 1873.

AMBROSE, St. De Paradiso. In : *Opera*. Ed. C. Schenkl. CSEL 32. 1. Vienna: 1896, p. 280.

AUGUSTINE, St. *St Augustine: The Literal Meaning of Genesis* (De Genesi ad litteram). Ancient Christian Writers, n. 42. Trad. J. H. Taylor, SJ, i. New York e Ramsey, NJ: Newman Press, 1982.

BOCCACCIO, Giovanni. *Concerning Famous Women (De mulieribus claris)*. Trad. G. A. Guarino. London: Allen & Unwin, 1964.

CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. Trad. D. Wright. Oxford: Oxford University Press, 1985.

CHRISTINE DE PIZAN. *The Book of the City of Ladies*. Trad. E. J. Richards. New York: Persea Books, 1982.

\_\_\_\_\_. *A cidade das damas*. Trad. L. E. de F. Calado. In: CALADO, Luciana Eleonora de Freitas, *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan / Estudo e tradução*. 2006. 371 páginas. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 113-358. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp059489.pdf>> Acessado em 05/01/11.

D'ALVERNY, Marie-Thirhse. Comment les théologiens et les philosophes voient la femme. *Cahiers de civilization médiévale*, n. 20, Poitiers, 1977, p. 105-129.

DELANY, Sheila. *Medieval Literary Politics: Shapes of Ideology*. Manchester: Manchester University Press, 1990.



- Dives and Pauper* (Anônimo). Ed. P. Barnum. EETS, 2280, i. p.2. Oxford: 1980.
- Gawain on Marriage: The Textual Tradition of the 'De Coniuge non Ducenda'*. Anônimo. Ed. e trad. A. G. Rigg. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1986.
- GOTTLIEB, Beatrice. Feminism in the Fifteenth Century. In: KIRSHNER, J. e WEMPLE, S. F. (Eds.). *Women in the Medieval World: Essays in Honor of John H. Mundy*. Oxford: Blackwell, 1985, p. 337-364.
- GOWER, John. A Lover's Confession (Confessio amantis). In: GOWER, John. *The English Works of John Gower*. Ed G. C. Macaulay. EETS, ES 81, ii. London: 1900, p. 354-355.
- JEAN DE MEUN. *The Romance of the Rose by Guillaume de Lorris and Jean de Meun*. Trad. C. Dahlberg. Princeton: Princeton University Press, 1971.
- JEHAN LE FÈVRE. *Les Lamentations de Matheolus et Le Livre de Leesce de Jehan le Fèvre*. Ed. A.-G. Van Hamel. 2 vols. Paris: Bouillon, 1892-1905.
- JEROME, St. *Against Jovinian* (Adversus Jovinianum). In: *The Principal Works of St Jerome*. Trad. W. H. Fremantle. Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers, vi. Oxford: James Parker & Co. e New York: Christian Literature Co., 1893, p. 346-416.
- RICHARD DE FOURNIVAL. Response to The Bestiary of Love (Li Bestiaire d'Amour). In: RICHARD DE FOURNIVAL. *Richard's Bestiary of Love and Response*. Trad. J. Beer. Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press, 1986, p. 41-43.
- The Southern Passion* (Anônimo). Ed. B. D. Brown. EETS, os 169. London: Oxford University Press, 1927.